

# Apresentação

---

“A facilidade com a qual os objetos do cotidiano são esquecidos é desconcertante.”

Marie-Pierre Julien e Céline Rosselin

A constatação enunciada na epígrafe chama a atenção para o caráter ordinário dos objetos, presença incontornável nas sociedades e na vida humana. Porém, de existência assim tão corriqueira, são os objetos secundarizados nas preocupações intelectuais e nas investigações acadêmicas. Dar visibilidade a essa dimensão do cotidiano tem sido o empreendimento de estudiosos da cultura material em diversas áreas. A propósito, Marie-Pierre Julien e Céline Rosselin em um interessante ensaio intitulado *La Culture Matérielle*, publicado em 2005 pela editora parisiense La Découverte, põem em questão a validade do conceito de cultura material lembrando-nos tratar-se de um conceito que ajuda a pensar a construção do sujeito, dos objetos e da cultura, isso porque a cultura material não se reduz aos objetos materiais, mas integra a relação entre sujeitos e objetos. Em realidade, advertem as autoras, é a relação física entre os objetos e os sujeitos que faz a cultura. Os objetos possuem forma, cor, dimensões, matéria. Mas, além disso, eles exercem funções sociais, estéticas e simbólicas. Nesse sentido, os objetos possuem significações polissêmicas que são ressemantizadas ao longo de suas existências e usos. Ainda na compreensão das autoras, o sujeito não se constitui um receptor passivo face à mensagem comunicada pelo objeto, ao contrário, ele constrói a significação graças a um processo ativo de percepção.

Essas observações são preciosas quando tomamos a cultura material como objeto de investigação ou como fonte de informação nos estudos históricos em educação.

Nesse sentido, no universo escolar, é preciso estar atento para os múltiplos sentidos adquiridos pelos objetos e artefatos que constituem a materialidade da escola. Como têm assinalado inúmeros autores, a cultura material escolar evidencia concepções de ensino e finalidades sociais e culturais da educação.

A introdução, uso e desaparecimento de alguns artefatos estão diretamente relacionados às transformações na educação, isto é, às iniciativas de modernização do ensino e de renovação pedagógica. Por isso, no campo da educação, a cultura material reveste-se de especificidades. Os objetos na escola adquirem um sentido educativo, muitos são auxiliares do ensino e instrumentos de transmissão da cultura, enquanto outros compõem a arquitetura da forma escolar.

Nesse sentido, objetos de uso social são muitas vezes convertidos em materiais escolares, agregando novos sentidos e usos apropriados para situações de ensino e aprendizagem dos elementos da cultura. É novamente no livro de Marie-Pierre Julien e Céline Rosselin que encontramos esta preciosa observação: a relação dos estudantes com canetas, lápis, carteiras, cadernos, anfiteatros, uniformes, entre tantos outros objetos escolares, são mais que indicadores da cultura estudantil. No gesto sobre os artefatos, os estudantes se constroem enquanto estudantes e contribuem para forjar uma cultura específica.

Nós, historiadores da educação que temos nos dedicado ao estudo da cultura material, enfrentamos os desafios de lidar com uma temática nova e de difícil equacionamento teórico-metodológico. O olhar que se desloca de temas tradicionais no campo como as políticas educacionais, a história das instituições educativas e do pensamento educacional para a materialidade da escola põe em cena prédios escolares, lousas, cartilhas, carteiras, laboratórios, quadros parietais, globos, mapas, modelos, animais taxidermizados, instrumentos científicos, etc. que se tornam uma chave de leitura para compreender a escola e as relações dos sujeitos educacionais como o ensino, as práticas, as instituições e as ideias pedagógicas. Assim, em nossas análises acerca dessa cultura, temos procurado interpretar a riqueza da representação simbólica desses objetos que testemunharam pelos inventários a história da própria escola.

E para contribuir neste debate, o conjunto de textos reunidos neste dossiê compreende mais uma significativa contribuição para o conhecimento sobre a materialidade da escola, assim como o papel dos objetos na cultura escolar que põe em cena procedimentos de pesquisa que apontam roteiros reflexivos que se aproximam do uso da noção de cultura material escolar como uma ideia que auxilia a explicação da realidade histórica de fenômenos educacionais diversos.

A originalidade desses estudos encontra-se nas interrogações que planteiam e nas interpretações que propõem. O leitor encontrará nos textos desse dossiê reflexões sobre o mobiliário escolar de vanguarda enquanto componente de uma modernidade (Marcus Bencostta), as mudanças no mundo material da criança com deficiência visual (Ian Grosvenor e Natasha Macnab), os espaços arquiteturais pensados para a realidade das escolas mexicanas (Oresta López, Norma Ramos e Armando Espinosa), portuguesas (Carlos Manique) e brasileiras (Célia Dórea), os objetos de ensino e seu papel na modernização da educação (Rosa Fátima), tais como a lousa escolar como suporte técnico-material de relevância na escola moderna (Valdeniza Barra), jornais manuscritos que foram construídos por crianças que noticiavam os seus cotidianos escolares (Maria Teresa) e revistas impressas utilizadas no processo de formação de professores (Rosa Lydia).

Por fim, fazemos um convite aos leitores interessados em conhecer um pouco dessa história permeada por explicações e curiosidades instigantes que torna prazerosa a tarefa de construir uma escrita comprometida com seriedade do ofício de historiadores.

Marcus Levy Bencostta & Rosa Fátima de Souza

# Presentation

---

“The easy way objects from daily life have been forgotten is embarrassing.”

Marie-Pierre Julien and Céline Rosselin

The fact described in the epigraph calls attention to the ordinary nature of objects, which has inescapable presence in societies and in human living. However, by means of such recurring existence, objects have been second in intellectual worries and in academic studies. Giving visibility to that everyday dimension has been the goal of individuals who analyze material culture in several fields. In this respect Marie-Pierre Julien and Céline Rosselin, through their interesting essay entitled *La Culture Matérielle*, published in 2005 by La Découverte press from Paris, questioned the material culture concept validity emphasizing that it is a kind of notion which helps thinking about construction of subjects, of objects and of culture because material culture cannot be reduced to material objects, but it integrates the relationship between subjects and objects. As a matter of fact, those authors say that this is the physical relation between objects and subjects that provides culture. Objects have shapes, colors, sizes, material items. On the other hand, besides that, they play social, aesthetic and symbolic roles. In this sense objects have polysemic meanings which are semantically redefined as long as they exist and as long as they are used. Still regarding the mentioned authors' understanding, subjects are not passive receivers when the message is communicated by the object, unlikely they build the meaning supported by an active process of perception.

Those statements are essential when we take material culture as an investigation issue or as information source in historical studies on education.

Therefore, in the school universe it is necessary to be aware of the multiple senses held by objects and devices which constitute school materiality. School material culture, as pointed by many authors, highlights teaching concepts and social and cultural purposes of education. The introduction, use and disappearing of some devices are directly related to changes in education, that are modernization initiatives on teaching and on pedagogical renewal. As a result, in the education area material culture keeps specific characteristics. Objects at schools get an educational meaning, then a great number of them give support to teaching and they are tools to spread culture, while others are members of the school shape architecture.

In that direction, objects of social use are often converted into school materials, adding new principles and uses according to cases of cultural elements teaching and learning. It is one more time in the book written by Marie-Pierre Julien and Céline Rosselin where we find the precious noticing: the relationship of students with pens, pencils, desks, notebooks, amphitheatres, uniforms, among a lot of other school objects, are more than indicators of scholar culture. In the act on artifacts, students rebuild themselves as students and they contribute to forge a particular culture.

As education historians who have been dedicated to the study of material culture, we face the problems of dealing with a new issue of difficult theoretical and methodological solution. The look, which moves from traditional matters in the field as educational policies, history of educational institutions and educational thought to school materiality, exposes school buildings, blackboards, guidebooks, desks, laboratories, parietal charts, globes, maps, models, stuffed animals, scientific devices, etc. which became a reading key to understand school and the relations of educational subjects as teaching, practices, institutions and pedagogical notions. Thus, in our studies about that culture we have been searching for finding the richness from the symbolic representation of those objects that witnessed the school history itself through inventory.

In order to contribute in this debate, the amount of texts gathered in this dossier means another important gift to the knowledge on school materiality, as well as the role of objects in the school culture that shows research procedures which point out reflective guidelines that are close to the use of the school material culture principle as an idea which helps in explaining the historic reality of varied educational events.

The originality of those studies can be found in the questions they arise and in the interpretations they propose. The reader will find in the texts of this dossier reflections on excellence school equipment as a member of modernity (Marcus Bencostta), changes in the material world of blind children (Ian Grosvenor and Natasha Macnab), architectural spaces thought to real actions in Mexican schools (Oresta López, Norma Ramos and Armando Espinosa), Portuguese schools (Carlos Manique) and Brazilian schools (Célia Dórea), teaching devices and their role in education modernization (Rosa Fátima), such as the school blackboard as relevant technical-material support in modern schools (Valdeniza Barra), manuscript journals which were made by children who reported their daily affairs at school (Maria Teresa) and printed magazines used in the process of training teachers (Rosa Lydia).

Finally, we make an invitation to readers interested in knowing a little about that history full of instigating explanations and curiosities which makes the task of building a writing engaged with the serious work of historians pleasant.

Marcus Levy Bencostta & Rosa Fátima de Souza

# Présentation

---

"La facilité avec laquelle les objets du quotidien sont oubliés est déconcertant. »

Marie-Pierre Julien; Céline Rosselin

La constatation énoncée dans l'épigraphe attire l'attention pour le caractère ordinaire des objets, de la présence incontournable dans les sociétés et dans la vie humaine. Cependant, d'existence comme ça, tellement triviale, les objets sont mis en second plan dans les préoccupations des intellectuels et dans les recherches académiques. Donner de visibilité à cette dimension du quotidien, c'est l'entreprise des chercheurs de la culture matérielle dans des plusieurs domaines. À ce propos, Marie-Pierre Julien et Céline Rosselin dans un intéressant essai intitulé *La Culture Matérielle*, qui a été publié en 2005 par la Maison d'édition parisienne La Découverte, ont mis en question la validité du concept de culture matérielle en nous rappelant qu'il s'agit d'un concept qui aide à penser la construction du sujet, des objets et de la culture, parce que la culture matérielle n'est que des objets matériels, mais intègre la relation entre les sujets et les objets. En réalité, nous avertissent les auteurs, c'est la relation physique entre les objets et les sujets qui font la culture. Les objets ont de forme, de couleur, des dimensions, de matière. Mais, en plus, ils exercent des fonctions sociales, des esthétiques et symboliques. Dans ce sens, les objets possèdent des significations polysémiques qui sont ressemantisés au long de leurs existences et utilisations. Et encore dans la compréhension des auteurs, le sujet ne s'est constitué un récepteur passive face à message communiqué par l'objet, au contraire, il bâti la signification grâce à un processus actif de perception. Ces observations sont précieuses quando nous prenons la culture matérielle comme objet d'investigation ou comme source d'information dans les études historiques en éducation.

Dans ce sens, l'univers scolaire, il faut être attentif pour les multiples sensés acquis par les objets et produits qui constituent la matérialité de l'école. Comme ont signalé plusieurs auteurs, la culture matériel scolaire evidencie des conceptions d'enseignement et finalités sociales et culturelles de l'éducation. L'introduction, l'usage et disparition de quelques produits sont directement rapportés aux changements dans l'éducation, c'est à dire, les initiatives de moderniser l'enseignement et de rénovation pédagogique. Pour cela, dans le domaine de l'éducation, la culture matérielle se revêti de spécificités. Les objets dans l'école acquèrent un sensé éducative, plusieurs sont auxiliaires d'enseignement et d'instruments de transmission de la culture, pendant que les autres composent l'architecture de la forme scolaire.

Les objets d'usage sociale sont plusieurs fois convertis dans des matériaux scolaires en groupant des nouveaux sens et usages appropriés pour des situations d'enseignement et d'apprentissage des éléments de la culture. C'est de nouveau dans le livre de Marie-Pierre Julien et Céline Rosselin que nous rencontrons cette précieuse observation: la relation des étudiants avec des stylos, des crayons, des pupitres, des cahiers, des amphithéâtres, des uniformes, parmi plusieurs objets scolaires, qui sont plus que des indicateurs de la culture estudiantin. Dans le geste sur les produits, les étudiants se contruisent comme étudiants et contribuent pour forger une culture spécifique.

Nous historiens de l'éducation qui avons dédié à l'étude de la culture matérielle, nous affrontons les défis de travailler avec une nouvelle thématique et difficile pour l'équation théorique et méthodologique. Le regard qui se déplace des sujets traditionnels, comme les politiques d'éducation, l'histoire des institutions éducatives et de la pensée éducationnelle pour la matérialité de l'école, il mets en scène des bâtiments scolaires, des ardoises, des abécédaires, des pupitres, des laboratoires, tableaux pariétaux, des globes, des cartes, des modèles, des animaux taxidermisés, des instruments scientifiques, etc qui devient une clef de lecture pour comprendre l'école et les relations des sujets éducatifs comme enseignement, les pratiques, les institutions et les idées pédagogiques. Alors, dans nos analyses à propos de cette culture, nous avons cherché interpréter la richesse que la représentation symbolique de ces objets qui ont témoigné des inventaires de l'histoire de l'école.

Pour contribuer dans ce débat, l'ensemble de textes reunis dans ce dossier comprends un plus une significative contribution pour la connaissance sur la matérialité de l'école, ainsi que le rôle des objets dans culture scolaire qui mets en scène des procédés de recherche qui montrent de schéma reflexives qui s'approchent de l'emploi de la notion de culture matérielle scolaire comme une idée qui aide l'explication de la réalité historique de phénomènes éducationnels divers.

L'originalité de ces études se trouve dans les interrogations qui plantent et dans les interprétations qui proposent. Le lecteur trouvera dans les textes de ce dossier des réflexions sur le mobilier scolaire d'avant-garde comme composant d'une modernité (Marcus Bencostta), les changements du monde matériel des enfants avec déficience visuel (Ian Grosvenor et Natasha Macnab), les espaces architecturaux pensés pour une réalité des écoles mexicaines (Oresta López, Norma Ramos et Armando Espinosa) portugaises (Carlos Manique) et brésiliennes (Célia Dórea), les objets d'enseignement et son rôle de modernisation de l'éducation (Rosa Fátima), comme l'ardoise scolaire comme support technique-matériel important dans l'école moderne (Valdeniza Barra), des journaux manuscrits qui ont été produits par des enfants qui notifiaient leurs quotidiens scolaires (Maria Teresa) et des magazines utilisés dans le processus de formation de professeurs (Rosa Lydia).



À la fin, nous faisons un invitation aux lecteurs intéressés pour connaître un peu de cette histoire perméable par des explications et curiosités incités qui devient un plaisir la tâche de bâtir une écriture engagée avec la sérieux du métier de historiens.

Marcus Levy Bencostta et Rosa Fátima de Souza

# Apresentación

---

“La facilidad con que los objetos del cotidiano son olvidados es desconcertante.”

Marie-Pierre Julien; Céline Rosselin

La constatación enunciada en el epígrafe llama la atención para el carácter ordinario de los objetos, presencia indefectible en las sociedades y en la vida humana. Pero, de existencia así tan corriente, los objetos son postergados a segundo plano en las preocupaciones intelectuales y en las investigaciones académicas. Darle visibilidad a esa dimensión del cotidiano ha sido el emprendimiento de estudiosos de la cultura material en diversas áreas. A propósito, Marie-Pierre Julien e Céline Rosselin en un interesante ensayo intitulado *La Culture Matérielle*, publicado en 2005 pela editora parisiense La Découverte, ponen en cuestión la validez del concepto de cultura material recordándonos tratarse de un concepto que ayuda a pensar la construcción del sujeto, de los objetos y de la cultura, eso porque, la cultura material no se reduce a los objetos materiales, sino integra la relación entre sujetos y objetos. En realidad, advierten las autoras, es la relación física entre los objetos y los sujetos la que hace la cultura. Los objetos poseen forma, color, dimensiones, materia. Pero, más allá de eso, ellos ejercen funciones sociales, estéticas e simbólicas. En ese sentido, los objetos poseen significaciones polisémicas que son resignificadas a lo largo de sus existencias y usos. Todavía, en la comprensión de las autoras, el sujeto no se constituye un receptor pasivo frente al mensaje comunicado por el objeto, al contrario, él construye el significado gracias a un proceso activo de percepción.

Esas observaciones son preciosas cuando tomamos la cultura material como objeto de investigación o como fuente de información en los estudios históricos en educación.

En ese sentido, en el universo escolar, es preciso estar atento para os múltiples sentidos adquiridos por los objetos y artefactos que constituyen la materialidad de la escuela. Como han señalado innúmeros autores, la cultura material escolar pone en evidencia concepciones de enseñanza y finalidades sociales y culturales de la educación. La introducción, uso y desaparecimiento de algunos artefactos están directamente relacionados a las transformaciones en la educación, esto es, a las iniciativas de modernización de la enseñanza y de renovación pedagógica. Por eso, en el campo de la educación, la cultura material revístese de especificidades. Los objetos en la escuela adquieren un sentido educativo, muchos son auxiliares de la enseñanza e instrumentos de transmisión de la cultura, mientras otros componen la arquitectura de la forma escolar.

En ese sentido, objetos de uso social son muchas veces convertidos en materiales escolares agregando nuevos sentidos y usos apropiados para situaciones de enseñanza y de aprendizaje de los elementos de la cultura. Es nuevamente en el libro de Marie-Pierre Julien e Céline Rosselin que encontramos esta preciosa observación: la relación de los estudiantes con bolígrafos, lápices, pupitres, cuadernos, anfiteatros, uniformes, entre tantos otros objetos escolares, son más que indicadores de la cultura estudiantil. En los gestos sobre los artefactos, los estudiantes se construyen como estudiantes y contribuyen para forjar una cultura específica.

Nosotros, historiadores de la educación que nos hemos dedicado al estudio de la cultura material, enfrentamos los desafíos de lidiar con una temática nueva y de difícil problematización teórica y metodológicamente. La mirada que se mueve de temas tradicionales en ese campo, como las políticas educacionales, la historia de las instituciones educativas y del pensamiento educacional para la materialidad de la escuela, pone en escena edificios escolares, tableros, cartillas, pupitres, laboratorios, cuadros expositivos, globos, mapas, modelos, animales empajados, instrumentos científicos, etc. que se vuelven claves de lectura para comprender la escuela y las relaciones de los sujetos educacionales con la enseñanza, las prácticas, las instituciones y las ideas pedagógicas. Así, en nuestros análisis acerca de esa cultura, hemos buscado interpretar la riqueza que la representación simbólica de esos objetos que atestiguaron desde los inventarios hasta la historia de la propia escuela.

Y para contribuir con este debate, el conjunto de textos reunidos en este dossier comprende más un aporte significativo para el conocimiento sobre la materialidad de la escuela, bien como, sobre el papel de los objetos en la cultura escolar que pone en escena procedimientos de pesquisa que apuntan guiones reflexivos que se aproximan del uso de la noción de cultura material escolar como una idea que auxilia a la explicación de la realidad histórica de fenómenos educacionales diversos.

La originalidad de esos estudios encuéntrase en las interrogaciones que plantean y en las interpretaciones que proponen. El lector encontrará en los textos de este dossier reflexiones sobre el mobiliario escolar de vanguardia como componente de una modernidad (Marcus Bencostta), los cambios en el mundo material de niños con déficit visual (Ian Grosvenor e Natasha Macnab), los espacios arquitecturales pensados para la realidad de las escuelas mexicanas (Oresta López, Norma Ramos e Armando Espinosa), portuguesas (Carlos Manique) e brasileñas (Célia Dórea), los objetos de enseñanza y su papel en la modernización de la educación (Rosa Fátima), tales como el tablero escolar como soporte técnico-material de relevancia en la escuela moderna (Valdeniza Barra), periódicos manuscritos que fueron hechos por niños que noticiaban sus cotidianos escolares (Maria Teresa) y revistas impresas utilizadas en el proceso de formación de docentes (Rosa Lydia).

Por fin, invitamos a los lectores interesados a conocer un poco de esa historia permeada por explicaciones y curiosidades que instigan y que tornan gustosa la tarea de construir una escrita comprometida con la seriedad del oficio de historiadores.

Marcus Levy Bencostta y Rosa Fátima de Souza